to de produtividade experimentada em todo o país. Não poderia ser diferente na região Centro-Oeste, onde a produção de carne chegou a ter um aumento de 213% nos últimos 10 anos, um índice maior do que o verificado para todo o Brasil (129%). O rebanho local de frangos de corte, que era de 15.432 em 1988, evoluiu para 82.496 cabeças em 1997 (crescimento de 430%).

A suinocultura, que predominava no Sudeste e no Sul do país, rompeu divisas e está conquistando a região de cerrados. A grande extensão territorial, juntamente com clima favorável para o aumento da produção de grãos, favorece a produção de carne suína, já que diminui os custos com transporte de matéria-prima para a fabricação de ração devido à proximidade das zonas de produção. Assim, vários projetos de médio porte têm-se instalado no Centro-Oeste no setor de suínos e aves: em Campo Grande, Dourados e Aparecida do Taboado, no Mato Grosso do Sul; Lucas do Rio Verde, Chapada dos Guimarães e Rondonópolis, em Mato Grosso; Varjão, Jataí e Rio Verde, em Goiás.

Entretanto, o crescimento da suinocultura na região ainda é lento, com apenas 6,8% de acréscimo na produção da carne desde 1989.

O Centro-Oeste é a segunda região que mais cresce economicamente no Brasil e acredita-se que continuará nesse ritmo com a introdução de indústrias e a construção de ferrovias, hidrovias, gasodutos e usinas de energia elétrica. O impulso na economia da região será maior se for acompanhado de infra-estrutura adequada.

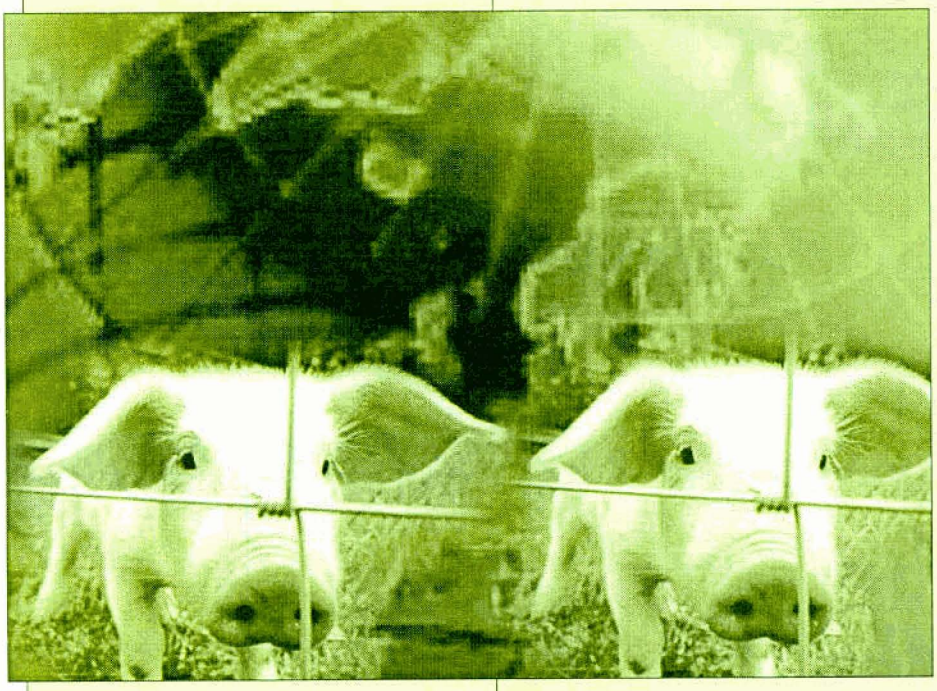
Pedro Ferreira Arantes é consultor Faeg e professor da Faculdade Anhanguera; Christiane de Paula Rossi é assessora técnica da Faeg.

CENTRO-OESTE

Pode melhorar

Tudo leva a crer que pode acontecer uma verdadeira explosão da suinocultura no Centro-Oeste brasileiro

Cloves F. Vettorato



Ouvir falar na expansão da suinocultura no Centro-Oeste deixava os suinocultores do Sul e Sudeste arrepiados. E não era para menos. Mato Grosso e Goiás transformaram-se em grandes produtores de grãos, como milho, soja, sorgo e milheto, matérias de baixo valor agregado, essenciais para a nutrição de pequenos animais. Qualquer analista de tendências do mercado afirmaria com segurança que tais atividades teriam deslocamento natural para o Centro-Oeste.

A despeito de todas as previsões, isso não aconteceu. E por que não aconteceu? Que fatores brecaram investimentos nessa área? Teriam desaparecido as vantagens comparativas que o Centro-Oeste oferecia?

Analisando a situação

A suinocultura tecnificada está estagnada no Mato Grosso em 18 mil matrizes há mais de quatro anos. Nenhuma granja nova foi implantada nesse período. Em Goiás, o grande projeto da Perdigão está em ritmo lento, quase parando.

A primeira consideração a ser feita é de que, na suinocultura especialmente, quem investe é produtor rural e não banqueiro, industrial ou profissional liberal. E o Plano Real retirou do produtor qualquer possibilidade de investimento. Suas dívidas foram corrigidas em

quase 200% de 1994 até 1999. Por essa mesma razão, sua capacidade de tomar empréstimos para investimentos no processo de diversificação ficou reduzida a níveis muito reduzidos.

Além disso, outros fatores devem ser considerados:

Juros em níveis incompatíveis.

- O real, sobrevalorizado diante do dólar, inibia as exportações e favorecia as importações. Haja vista que, em qualquer supermercado brasileiro, poderiam ser encontrados derivados de suíno procedentes do exterior.
- Os poucos mercados que se abriam para a carne suína, como o sudeste asiático e a Rússia, desabaram com a crise econômica.
- O consumo interno pós-Real estagnou nos 10kg *per capita*.
- Os produtores do Centro-Oeste, especialmente no Mato Grosso, encontraram no algodão uma saída para diversificar e aumentar seus ganhos.
- As políticas de PEP – Prêmio de Escoamento (ou Equalização) de Produto (ou de Preços) – sobre o milho privilegiaram os produtores de outros estados, transferindo as vantagens comparativas para o Nordeste e o Sudeste

Enquanto não for solucionado o problema da dívida dos produtores brasileiros, não vemos muita possibilidade de esse quadro se alterar. Ainda é um pouco cedo para falar em otimismo com as mudanças na política cambial brasileira. Há esperança de que a atividade possa se tornar atraente. De qualquer forma, temos ainda que transpor algumas barreiras típicas de país de Terceiro Mundo nessas atividades. Não resolvemos ainda problemas como a febre aftosa e a peste suína clássica – PSC, que limitam nossos mercados, mesmo que possamos ser altamente competitivos. Nesse sentido, o Mato Grosso está na frente, prestes a ser declarado como livre de aftosa e PSC simultaneamente.

E o futuro?

Já em relação ao futuro, voltamos a ser otimistas. Por sinal, é o otimismo do produtor mato-grossense que leva o estado a se transformar no maior produtor de soja e algodão do país. Se a situação está ruim, tem esperança que melhore, e se está boa, acredita que vai ficar melhor ainda. E com esse espírito vai superando as dificuldades.

Algumas premissas justificam o otimismo quanto ao futuro dessa atividade:

- As vantagens comparativas da suinocultura no Mato Grosso continuam as mesmas. Não há outro lugar no mundo onde se possa produzir carne com menor custo, seja pela abundância de grãos, seja pelo custo baixo das instalações.
- Com as últimas mudanças na política cambial, ganhamos competitividade nos mercados mundiais e um certo freio nas importações.
- Há uma tendência de queda nos juros.
- Os investimentos externos no Brasil passam a ser mais atrativos, viabilizando produtores de outros países a se instalarem no Mato Grosso.

A vez e a hora do produtor estrangeiro

Independente dos últimos acontecimentos econômicos, já percebíamos que as vantagens comparativas da região poderiam ser aproveitadas por produtores estrangeiros capitalizados.

É o caso da Carrol's Foods, da Carolina do Norte, EUA, segundo maior suinocultor do mundo, que estabeleceu *joint venture* com empresários locais, para implantar um projeto inicial de 10 mil matrizes e que pode chegar a 50 ou 60 mil num prazo de cinco anos. O projeto está em fase inicial de implantação.

Ultimamente temos recebido a visita de portugueses, espanhóis e holandeses com a intenção de produzir suínos em Mato Grosso.

Os holandeses têm vindo por força de decisão de seu governo. A Holanda, com 14 milhões de habitantes, possui um rebanho de aproximadamente 20 milhões de suínos. Os problemas ambientais que o país enfrenta são de tal magnitude que o governo holandês determinou um corte de 50% na produção de suínos, o que deixará mais de 1.500 produtores fora da atividade. Eles têm duas alternativas: mudar de atividade ou de país. Muitos querem continuar produzindo suínos. E estarão sendo recebidos de braços abertos no Mato Grosso.

A suinocultura, um problema para a Holanda, é a solução para o Mato Grosso. Pois, além de agregar valor às nossas matérias-primas, vai gerar milhares de empregos, diversificar nossa produção e acumular renda e divisas para o estado.

Para que isso aconteça, o governo do estado apresenta um leque de incentivos fiscais e de infra-estrutura. Aqui foi criado o Programa Granja de Qualidade, concedendo incentivos fiscais ao suinocultor que ofereça pré-requisitos de qualidade, sanidade e observância de normas ambientais em sistema produtivo.

Não é por outro motivo que os holandeses falam em implantar granjas que, somadas, deverão abrigar 100 mil matrizes, para produzir 2,4 milhões de suínos por ano e investir aproximadamente US$240 milhões.

Essa é a nossa vocação: produzir alimentos de alta qualidade e baixo custo.

Cloves F. Vettorato é diretor da Fundação MT e ex-presidente da Acrismat – Associação dos Produtores de Suínos de Mato Grosso.